

A ESCRITA FEMININA NA VOZ DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

WOMEN'S WRITING IN THE VOICE OF MARIA JUDITE DE CARVALHO

Jane Pinheiro de Freitas (Université Paris X)

RESUMO: A escrita de autoria feminina mostrou-se relevante a partir de meados do século XX, o aumento do número de escritoras e de textos engajados despertou o interesse de leitores e dos estudos literários. Nas letras portuguesas, importantes autoras militaram pela causa feminina através da literatura, entre elas destacamos Maria Judite de Carvalho, que concentrou em sua escrita as angústias que faziam parte do cotidiano das mulheres de sua época.

Palavras-chave: Literatura portuguesa; Maria Judite de Carvalho; feminino; sociedade.

ABSTRACT: The feminine's writing appears as a major phenomenon from the mid-twentieth century. The increasing number of women writers and socially engaged texts have attracted the eyes of the public. In Portuguese literature some writers have become, through literature, activist for women's cause. Maria Judite de Carvalho, who is one of them, showed in her writing anxieties present in the daily life of women of her time.

Keywords: Portuguese literature; Maria Judite de Carvalho; feminine; society.

Penso que isso se passa com todos os escritores. Há uma parte de nós que não é nossa, é a da sociedade em que vivemos, e que está inserida na literatura que fazemos. Nós vivemos numa época, somos influenciados por ela e isso reflecte-se na nossa obra.

Natália Nunes

A história da literatura portuguesa nos mostra que os anos 1950 foram marcados por mudanças literárias importantes, entre elas o considerável aumento do número de escritoras, resultando no aumento da literatura de autoria feminina. Não sendo esse um fenômeno apenas português, vários autores, entre eles José Antonio Saraiva, reconhecem o considerável crescimento de tal literatura também como um importante acontecimento universal do período pós-guerra.

O teórico ressalta que em Portugal esta tendência evoluiu de maneira relevante dentro do contexto europeu, guardando um “extraordinário relevo histórico-social e qualitativo”. Algumas autoras, ainda que bem recebidas pela crítica, ficaram em um único livro, como se assim tivessem vencido uma batalha e assim esgotado tudo que tinham para dizer. Mas o que se deve considerar é que tal fenômeno aparece também como consequência das várias mudanças sociais de nível sócio-afetivo ou econômico que ocorriam na época, como defende Saraiva:

o aspecto social do fenômeno como consciência acerca de situações femininas típicas na sociedade portuguesa; e isso liga-se a fatores como a crescente entrada das mulheres nas profissões intelectuais e certa atenuação das dependências domésticas nas classes médias” (SARAIVA, 2000:1100).

Muitas foram as escritoras portuguesas que se destacaram no período acima mencionado, para nos referirmos apenas a alguns nomes, levando-se em consideração a palavra da crítica, temos Agustina Bessa-Luís, Irene Lisboa, Maria Judite de Carvalho, Teresa Horta, Natália Nunes. Agustina Bessa-Luís está entre as escritoras que construíram densa carreira literária, sendo sua primeira publicação *Mundo fechado*, 1948, muito bem recebida por diferentes escritores, entre eles Ferreira de Castro, que se manifesta de maneira profética em relação à jovem escritora: “No seu livro não há ingenuidades. Ele parece demonstrar todo um belo trabalho de filtragem, de controle” (*apud* MACHADO, 1979, p. 15). Suas personagens seguem um caminho do accidental, num jogo de ideias que burla a realidade do cotidiano, mas sem feri-lo, onde as relações são tensas, mas guardam um fio de esperança:

Passamos hoje por um caminho que tem nele marcado outras pegadas, e ocorre-nos as histórias de outras idades. Por deserto que esteja o campo, o frio, o sol, o tempo está presente e nos penetra de sabedoria e de fortaleza. A única solidão é aquela que não tem passado (BESSA-LUÍS, 1971, p. 44).

Agustina Bessa-Luís retrata com fidelidade certas regiões portuguesas, traduzindo de forma singela aspectos socioculturais e as angústias de mulheres inconformadas com suas condições, tudo isso em uma prosa universal, um dos motivos que faz a crítica apontá-la como uma grande escritora do século XX. Em sua obra o regional e o universal não se opõem e sim se complementam através da trajetória de suas personagens, que sabiamente vão semeando seus passos na história de um cotidiano à parte.

Segundo Álvaro Machado, a autora consegue resolver a oposição “romance regionalista *versus* romance universalista” de maneira genial, e trafega entre os dois com a mesma intensidade, com temas que partem de uma parte para revelar o todo, tendo como alvo a existência humana: “Resolve essa oposição, portanto, através da cultura como elemento essencial de reflexão sobre a realidade portuguesa na sua relação com o mundo, a vários níveis” (MACHADO, 1979, p. 25).

De semelhante importância é a obra de Irene Lisboa, que produziu narrativas intimistas que tinham como temática principal as angústias e o estado de solidão vistos pela perspectiva feminina. Tal perspectiva caracterizará posteriormente a obra de Maria Judite de Carvalho, pois além de voltarem-se para temas parecidos, as duas autoras se aproximam ainda no que diz respeito à observação do momento social a sua volta. Por isso alguns críticos afirmam que parte da obra juditiana sofreu influência da escritora neorrealista.

Irene Lisboa contribuiu para algumas revistas neorrealistas embora afirmasse não simpatizar com as perspectivas do movimento, e dele não participar diretamente. O estado de não per-

tencimento da autora a rótulos ou movimentos pode ser visto no estado de exílio de suas personagens, características que também encontramos em Maria Judite. Segundo Oscar Lopes (1994), um dos aspectos que faz a ficcionista do neorealismo figurar entre as grandes escritoras portuguesas é a maneira como seus textos aproximam a realidade exterior ao mundo interior das personagens, sem perder o tom de protesto pela causa feminina:

É de qualquer maneira óbvio que esta obra parte de uma experiência de mulher com implantação histórica e social, e realiza mesmo o acesso possível dessa específica experiência a uma consciência basicamente narrativa e testemunhal. (LOPES, 1994, p. 198).

Através das leituras de Irene Lisboa¹, chegamos à Maria Judite de Carvalho (Lisboa, 1921-1928), escritora que possui obra de grande importância no contexto da literatura portuguesa do século XX assim como no espaço literário em geral. Na escrita juditiana o olhar é o ponto de partida para apreender o espaço e as relações sociais, fazendo de tal apreensão um caminho de autoconhecimento, que resulta na necessidade de transgressão, de fuga e exílio. Saber-se em uma condição limitada e a impotência diante de tal constatação é muitas vezes a causa primeira da angústia dessas personagens femininas. O caráter transgressor que essas personagens assumem é fruto da lucidez impactante que possuem e que resulta na construção de um *eu* melancólico.

Mesmo tendo uma fortuna crítica bem ampla, não são conhecidos muitos estudos sobre a obra juditiana que tenham como alvo aspectos histórico-sociais, no entanto encontramos trabalhos que analisam as relações socioafetivas das personagens, sobre o espaço da rua como busca de liberdade, ou mesmo os olhos observadores das personagens que estão quase sempre observando as angústias femininas diante dos submissos papéis sociais que lhe são propostos.

Muitos críticos ressaltam que a abordagem de aspectos sociais não é o grande alvo das novelas e contos de Maria Judite, talvez por se tratar de uma autora não engajada, no entanto, ao nos aproximarmos de sua obra, observamos que no silêncio e na passividade, marcantes na trajetória de suas personagens femininas, há o protesto contra a condição social opressora em que vivem. Os malogros das mulheres casadas, acostumadas a renunciar à liberdade para dedicarem-se às obrigações do cotidiano, ou a dificuldade de adaptação à vida doméstica, são fatores que se apresentam ao centro da obra juditiana como em tom de reivindicação.

O crítico Fernando Mendonça faz um interessante panorama das particularidades da escrita juditiana ressaltando a existência da denúncia sutil que se constrói em torno do tema das limitações do papel feminino na sociedade. Segundo o crítico, as narrativas da autora “são janelas indis-

¹ Irene Lisboa (1892-1958) foi importante escritora e pedagoga portuguesa, afastada do trabalho por questões políticas, ela dedicou-se à literatura e publicou novelas, romances e manuais de pedagogia. Entre suas principais obras estão *Um dia e outro dia*, 1936; *Uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma*, 1955.

cretas, abertas sobre a vida de mulheres”. Essas têm seus conflitos psicológicos e sociais analisados constantemente, seja em reflexões, diálogos ou mesmo quando estão confinadas em um espaço solitário. E essas mulheres são apresentadas “como seres amargurados, frustrados, cientes apenas de que o mundo dos outros é um desgosto sem espanto, a flor aberta da mágoa sem surpresa” (MENDONÇA, 1973, p. 73).

O mundo em que essas personagens estão mergulhadas, segundo Mendonça, é a tal ponto angustiante que dele não há como sair, voltar também é algo impossível, então a elas resta a arma da memória que geralmente as remete a um tempo no qual a vida era possível, mesmo sem felicidade. E o adversário desse mundo sem saída é geralmente representado por um homem, sobre o qual a mulher deposita sua carga de dor-esperança; ou pelo tempo, vilão que leva consigo a leveza da juventude, aproximando a personagem da velhice solitária e da morte.

O embate da personagem feminina com o outro ou com o tempo acontece no espaço da limitação em que se desenvolvem as relações interpessoais, que são sempre distantes e sem lugar para grandes emoções ou amores desmedidos. Essas mulheres possuem uma imensa falta de jeito para transitar dentro de uma relação, seja ela amorosa ou social, um mal-estar constante como se também não coubessem, ou coubessem mal, no mundo ao qual são condicionadas. São personagens que vitimadas por si mesmas, que estão sempre com:

a sensação de que se movem num espaço ou num caminho sem a sinalização adequada. O mundo inviolado que sonharam é permanentemente violado pela displicência e até pela inaptidão dos homens a quem afloraram (MENDONÇA, 1973, p. 173).

A constante inquietação que as personagens apresentam diante de si mesmas e a fragilidade das relações sociais que tentam estabelecer fazem com que vivam em constante fuga, seja se atirando por janelas, como a personagem do conto “O grito”, ou partindo em plena incerteza e com a angústia de quem finge crer em um destino ilusório, como no conto “Adelaide”, em que a protagonista descobre que acreditar nas palavras de um homem desconhecido é o único modo de abandonar-se ao acaso.

A impossibilidade de realizar algo ou de ter esperanças é marcante na quase totalidade dos textos da ficcionista, gestos são contidos e palavras aparentemente simples não podem ser ditas. Mesmo quando ouvir alguém é a única solução para o caos, o cotidiano impossibilita o contato ou a mínima expressão de afeto. Temos como exemplo o caso de Flores, a protagonista de “Flores ao telefone”, que, buscando fugir de seu completo estado de solidão, tenta falar com várias pessoas ao telefone, porém sem sucesso, pois todos estão comprometidos com suas próprias angústias, comprovando que: “As mulheres de Maria Judite de Carvalho não têm emenda, não rompem o código,

permanecem na fronteira do acessível sem esperança, aguardam inertes a passagem dos dias” (MENDONÇA, 1973, p. 174).

Conforme citado acima, para as protagonistas do universo de Maria Judite não há como voltar ou consertar a vida quebrada, fugir também é impossível, por isso o primeiro pensamento que lhes acode é o suicídio, e quando não o fazem confessam ser por fraqueza. Filhos, maridos ou quaisquer outros laços são amputados da vida dessas personagens, ou então fazem parte de um passado para o qual só é possível voltar através da memória, assim elas se deixam estar em uma existência em que tudo poderia “ter sido”, mas nada acontece de fato.

As personagens juditianas são mulheres traídas por homens pelos quais não conseguem manifestar afeto, ou que se sentem frustradas por amizades superficiais. Não esquecendo que as relações familiares também não escapam ao olhar juditiano, como vemos com Dora Rosário, protagonista da novela *Os armários vazios*, uma mulher “sem idade e sem solução”, que após dez anos de viuvez aceita a ideia de um outro homem em sua vida, mas o perde para a filha de 17 anos. A angústia que já lhe acompanhava torna-se mais forte juntando-se à sensação de perder mesmo o que não possuía. A consequência será o descrédito em si, no outro e no mundo, o desfecho da história é descrito pelo narrador como um quadro de pessimismo e desesperança e a protagonista como “uma mulher cinzenta, um pouco curvada, perdida na cidade deserta depois da peste e do saque” (CARVALHO, 1966, p. 45).

Durante os vários anos em que escreveu crônicas para jornais de Lisboa, Maria Judite deixou ver sua posição de observadora da sociedade de seu tempo. Como cronista a autora constrói seu argumento, entre outros, propondo à mulher que se recuse a aceitar a organização de poderes e leis que a fazem preencher sempre os mesmos pequenos espaços, sem se questionar a respeito. Sem se perguntar por exemplo o porquê de as revistas femininas voltarem-se apenas para produtos de beleza e eletrodomésticos, a sociedade feminina as consumia em estado de cegueira.

Assim a narradora-cronista propõe um caminho de descobertas que ao mesmo tempo que amplia a visão de suas leitoras, pode conduzi-las ao banimento e à solidão. Ao distanciar-se de seu papel e expressar total consciência da condição feminina da qual faz parte, a cronista constrói em seus textos espelhos propondo à leitora a auto-observação:

Por que ela não era feliz, nunca o fora, nunca o seria, com as tais pequenas coisas da vida. E as mulheres felizes, por acaso ou por escolha, davam-lhe sempre uma grande, uma infinita tristeza misturada com um pouco de inveja, com um pouco de troça. Era uma mulher inteligente, solitária e sem solução (CARVALHO, 1979, p. 101).

Os textos da autora induzem a mulher de seu tempo a ter certa consciência de que sua

existência está sempre relacionada ao outro, para quem ela deverá dedicar sua vida. No entanto observar tal realidade pode tornar-se perigoso, como previne a própria ficcionista: “Se você olhar em volta com olhos de ver, bem abertos, se se esquecer de si própria durante uns minutinhos... Meu Deus, o que você vê!” (CARVALHO, 2002, p. 74). A busca constante por um exílio ou fuga que observamos nas personagens juditianas vem de um olhar que relaciona o *eu* ao tempo, tendo como consequência um passado que aprisiona em lembranças dolorosas; ou a impossibilidade de um futuro reparador.

As características apontadas nas crônicas são marcantes também no universo dos contos e se revelam no jogo entre autor/narrador (Cf. NAVAS, 1990), que se faz quase personagem a si e ao leitor, para abordar o presente que incomoda. Eis uma das características que tornam suas crônicas atemporais e seus contos obras que fazem parte da melhor literatura da segunda metade do século XX em Portugal: “Caminhamos, por assim dizer, no fio da navalha e estamos sempre, portanto, à espera do pior. Se nos distrairmos, por pouco que seja, se alguém se distrai, é o fim” (CARVALHO, 2002, p. 41).

Através da análise e desvendamento de conceitos e comportamentos criados e defendidos pela sociedade para a mulher, a autora desenha aos poucos o caminho para o exílio. Aqui vemos também um outro ponto de semelhança entre as novelas, contos e crônicas da autora: o desejo de romper com a condição limitadora imposta ao feminino. Ao colocar-se em alguns enredos como um quase-personagem, o narrador confunde-se ao universo dos textos, dialoga com a leitora, aconselha-a, ou tenta convencê-la da importância de fugir da alienação proposta à mulher:

Mulheres super-perfeitas mas inexpressivas, geladas, exibem perfumes luxuosos, jóias raras, peles preciosas, quase extintas no mundo. Há frascos de cristal de rocha, boiões de tartaruga. E por entre tudo aquilo os rostos mortos das mulheres-cartaz (CARVALHO, 1979, p. 160).

Os temas abordados pela cronista levam a refletir sobre a organização social não só da Lisboa da época, mas do cotidiano das mulheres em geral. O trabalho doméstico é frequentemente abordado e de uma maneira que ressalta o jogo de poder existente na organização da família que faz com que a mulher, sem contestar sua posição de indivíduo explorado, submeta-se ao aprisionamento do espaço da casa e às obrigações diárias.

Em alguns dos enredos juditianos há a breve sugestão do narrador de um caminho para onde fugir, mas é apenas uma ilusão que logo se dissipa. Seja a tentativa de se emancipar por uma profissão, uma atividade a desenvolver, ou mesmo de fazer a vida ter sentido pelo amor, e quando nada disso é possível, novamente se expõe o conflito: como pode a mulher atingir tal êxito em um

mundo de homens?

É que os homens exigem muito mais “companheirismo” do que as mulheres. Achem que elas, só porque são mulheres, devem desistir sem amargura da sua própria personalidade e vestir a dos maridos a fim de serem as companheiras de quem nunca fez esforço para ser companheiro (CARVALHO, 2002, p. 175).

Na crônica “Encontro”, que figura entre os textos com títulos, no final de *Diários de Emília bravo* (CARVALHO, 2002), temos de fato uma breve crônica/conto em que o narrador joga com contradições que começam desde o título, uma vez que a situação exposta nos leva a um (des)encontro da protagonista com antigas colegas de colégio. Em uma tarde passada com as quatro mulheres ela transita inquieta dentro de um universo que também deveria ser o seu, mas ao qual ela não pertence. O relato apresenta diálogos que definem o papel que se espera da mulher na sociedade da época, as quatro personagens, com suas trajetórias bem arrumadas, levam a vida adequando sempre seus destinos a um papel que figure dentro do quadro desenhado para o feminino, assim buscam banalidades que as afastem de si mesmas:

Veio o chá e também fiquei a saber que uma delas fazia dieta, outra era muito gulosa, a terceira não tinha problemas de alimentação, a quarta tinha alguns. E falou-se de ginástica, de crianças, do problema das empregadas domésticas (CARVALHO, 2002, p. 317).

As impressões da narradora-personagem são contadas como se ela se dirigisse a um outro de si mesma, num relato de frases cortadas, reticentes, suprimidas por reflexões como: “Agora... Bem, é de fato melhor esquecer” (CARVALHO, 2002, p. 317). O diálogo com o duplo propicia o perigoso encontro consigo, e com a situação “demasiado deprimente” que havia passado naquela tarde com as colegas que se tornavam “vagos fantasmas” dentro da vida que ela agora habitava. Sentindo-se totalmente à margem dos papéis exercidos pelas amigas, ela se convence de que não tem um lugar social.

Através da situação vivida pelas personagens em “Encontro” a autora confronta sua leitora com o jogo das relações sociais, descreve com minúcia e sutileza as inquietudes de uma mulher diante da passividade das quatro amigas. Assim, através de uma reunião aparentemente banal entre amigas, há o convite a observar e intervir na estrutura da qual essa leitora também faz parte. Vistas por esse ângulo, as crônicas juditianas, assim como seus contos e novelas, expressam o desejo de mudança e com as inquietudes que manifestavam as mulheres nos anos 1970, como os explica Ruth Navas:

Maria Judite de Carvalho contava histórias de uma forma aparentemente espontânea, criando personagens e ambientes, próprios do espaço sócio-afectivo de muitas mulheres portuguesas da época (NAVAS, 2004, p. 11).

O quadro simples de um chá entre amigas em uma tarde de sábado nos permite analisar os diferentes papéis sociais ocupados por cada uma delas: Cecília, dona de casa exemplar e dedicada aos cinco filhos e ao marido médico; Adélia, sem jamais mudar de casa ou cidade, vive a canalizar suas emoções na fabricação incansável de flores; Alice cultiva o sentimento de falência por continuar solteira; e Júlia que esperançosa tenta a sorte em um segundo casamento. O retrato das quatro mulheres abrange anseios, medos e angústias comuns à sociedade feminina de então.

O estranhamento da protagonista vem da consciência de não pertencer a nenhum dos lugares sociais ocupados ou buscados pelas outras. Seu olhar crítico é também o da cronista e traduz angústias de alguém que habita fora do mundo das obrigações e das relações afetivo-sociais, sentindo-se por isso à margem e em completa solidão: “Foi demasiado deprimente, como já te disse e repito. E o pior é que desde aquele dia ando a pensar em como é que elas me terão visto. Que história!” (CARVALHO, 2002, p. 318).

O quadro social de “Encontro” é o de submissão e angústia de um grupo de mulheres diante da condição e do destino a seguir. O estado de exílio é representado nas reflexões e inquietudes da protagonista que recusa tudo o que as demais concebem como os rumos de uma vida “feliz”, seu destino será como o de tantas outras personagens juditianas, o de uma “mulher inteligente e solitária”.

O convite a exilar-se do estado de passividade e a tomar o próprio destino é feito constantemente pelo narrador juditiano. Mas a aparente saída ou fuga das leis que regem o espaço social da mulher não representa uma solução, mas um caminho que conduz ao estado de isolamento, o que vai se revelar mais fortemente nos enredos das narrativas curtas da autora. Como exemplo temos o conto “O grito” do volume *Seta despedida*, no qual a protagonista, Camila, ensaia projetar-se em várias maneiras de viver, mãe, escritora, pintora, mas não conseguindo de fato ter êxito em nenhuma de suas tentativas. Nada é marcante em sua existência, nem mesmo a expressão do rosto ou a voz e, a cada falência consigo e com o outro, ela caminha um pouco mais para dentro de si até sentir-se em total isolamento: “E foi se tornando cada vez mais vazia e mais só” (CARVALHO, 1995, p. 117). Sua angústia atinge o insuportável e ela reage atirando-se pela janela num exílio final, que, se não era a solução, poderia ser a saída para o seu nãoapertencimento.

A protagonista de “O grito”, assim como aquela de “Encontro”, partilha a angústia de não ter voz nem lugar para si, de ter que calar o grito e mascarar seu inconformismo no isolamento. É por elas e por todas as demais que ouvimos os ruídos de vozes e pequenos protestos da autora. Detalhes mínimos, vestígios do cotidiano se juntam para construir a grande denúncia, a fala daque-

las que não têm voz e que muitas vezes não se dão conta disso, e é também por elas que lemos a palavra forte de Maria Judite de Carvalho, com seu senso para ver e ouvir mesmo o que se quer esconder.

Referências

- CARVALHO, Maria Judite de. *Os armários vazios*. Lisboa: Portugalia, 1966.
- _____. *Flores ao telefone*. Ovar, Contemporânea, 1968.
- _____. *Além do quadro*. Lisboa: O Jornal, 1983.
- _____. *Diários de Emília Bravo*. Org. Ruth Navas. Lisboa: Caminho, 2002.
- _____. *Este tempo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.
- _____. *O homem no arame*. Lisboa: Bertrand, 1979.
- BESSA-LUÍS, Agustina. “A mãe de um rio”. In *A brusca*. Lisboa: Editora Verbo, 1971.
- CANIATO, Benilde Justo. *A solidão de mulheres a sós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1996.
- CARROZZA, Elza Wagner. “Masculino/feminino – o eterno contraponto: uma leitura dos contos de Maria Judite de Carvalho e Lygia Fagundes Telles”. In *Cadernos da condição feminina*. Actas II, nº 43. Lisboa, 1995.
- LOPES, Oscar. “Maria Judite de Carvalho”. In *Literatura Portuguesa do século XX*. Lisboa: Caminho, 1986, p. 131-135.
- _____. *A busca de sentido: questões de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *Agustina Bessa-Luís, a vida e a obra*. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.
- MENDONÇA, Fernando. “Ficção de autoria feminina ou o sabor da solidão”. In *A literatura portuguesa no século XX*. São Paulo: Hucitec, 1973.
- NAVAS, Ruth. *Leituras hipertextuais das crônicas de Maria Judite de Carvalho*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- _____. “Escrever sobre Maria Judite de Carvalho”. In *Vértice*, n. 32, nov. 1990, Lisboa.
- SEIXO, Maria Alzira. “Maria Judite de Carvalho: um tempo de integração”. In *Para um estudo da expressão do tempo no romance português contemporâneo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da moeda, 1987.